

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação

Fazenda dos Prazeres do Ribeirão Dourado

código

AVI – FO1 – Cor

localização

RJ-116, após a entrada de Cordeiro, na altura do Km 125, seguindo em direção à PCH SANTA ROSA II – segunda Pequena Central Hidroelétrica Santa Rosa

município

Cordeiro

época de construção

século XIX

estado de conservação

detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original

residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta

nenhuma

proprietário

particular



fonte: IBGE - Cordeiro.



Casa-sede da Fazenda Ribeirão Dourado

coordenador / data **Alberto Taveira – mar 2010**

equipe **Alberto Taveira, Michelly Alves de Oliveira e Amauri Lopes Jr.**

histórico **Roberto Grey**

revisão / data

Thalita Fonseca – jun 2010



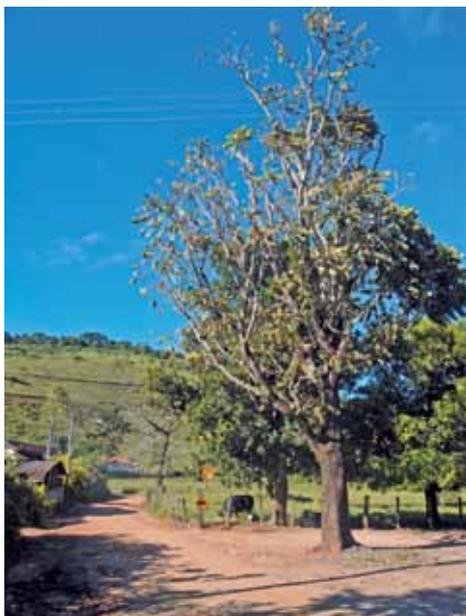
situação



ambiência

Logo após o acesso ao município de Cordeiro, trafegando na RJ-116 no sentido de quem vem do município de Nova Friburgo, tem início na margem oposta da estrada (Km 125) uma estrada de terra que passa pela PCH SANTA ROSA II – segunda Pequena Central Hidroelétrica Santa Rosa. Uma vez nesse caminho, percorridos cerca de 5 km, identifica-se uma bifurcação após a Escola Estadual Bonsucesso, marcada por uma grande árvore em seu eixo (f01).

Prosseguindo à esquerda por mais 150 m, chega-se à outra bifurcação, de onde se vê uma igrejinha à direita, no caminho para a Fazenda Bonsucesso (f02). Ingressando à esquerda deste templo e mantendo essa direção nas bifurcações subsequentes, chega-se, após 5 km (f03), à porteira da Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão Dourado.



01



03



02

Localizada à direita do caminho, a porteira da fazenda é marcada por um renque de palmeiras imperiais, após o qual há um pontilhão que transpõe o Córrego Bela Vista. A pequena ponte conduz a um caminho ensaibrado que se subdivide em três tramos: o da esquerda leva à antiga sede; o central divide os antigos terreiros de secagem de café e leva à residência contemporânea de um dos proprietários e ao acesso de serviço da casa-sede (f04); por fim, o da direita, que efetivamente chega ao acesso social do casarão.

No entorno imediato da casa-sede, sucedem-se pomar, áreas descampadas frontal e lateral – que outrora foram terreiros de secagem e plantação de café – e, emoldurando o casarão aos fundos, morros cobertos por mata em franco processo de regeneração (ver imagem satélite da ambiência e f05).

O desenho que corresponde ao quadrilátero funcional¹ encontra-se preservado, apesar das alterações e subtração de um ou outro elemento original. Assim, mantêm-se, além da casa-sede, os terreiros de secagem de café – hoje gramados, mas onde, em alguns trechos, é possível perceber o antigo piso em macadames (f06) –; a antiga sede (f07), depois botica – atualmente utilizada como curral no espaço correspondente ao porão (f08) –; roda d'água; serraria (f09) e a edificação onde funcionou a antiga tulha (f10).



Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão
Dourado, s.a., 13/06/1997 (acervo da fazenda)

05



04

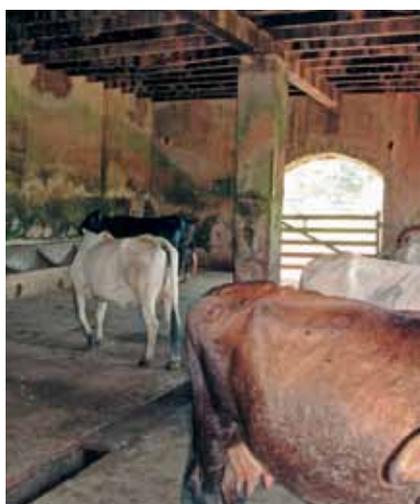


06

¹Composto, em tese, pela casa de morada ou sede (com capela interna ou em construção própria), terreiro de secagem de café, tulhas, engenho e senzala, fechando um espaço restrito e contíguo, à vista do proprietário, pois o “olho do dono engorda o gado”, ou, no caso, enche as arrobas de café.



07



08



09

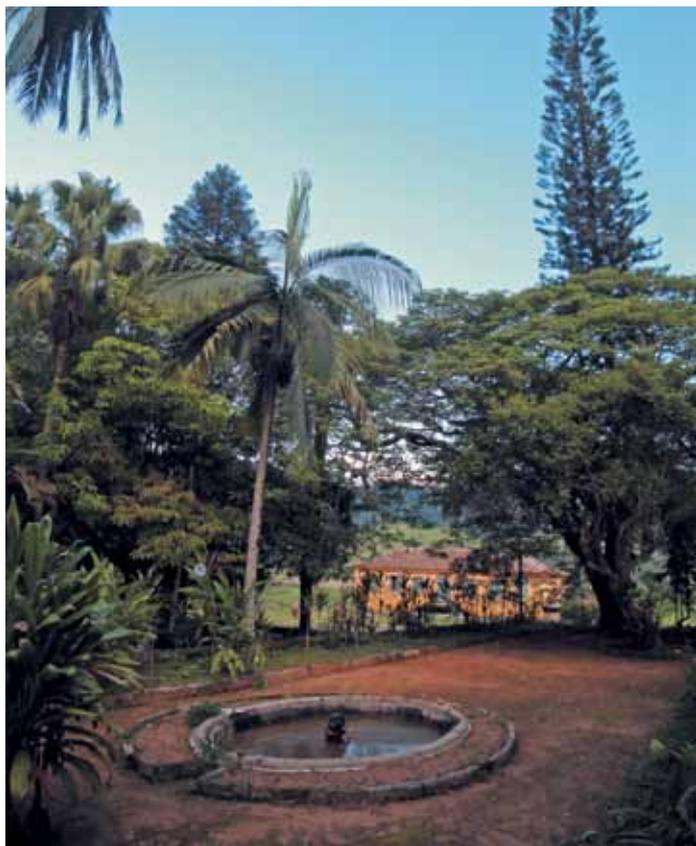


10

Fronteiros à casa-sede, observam-se pomar e jardins em dois níveis (f11 e f12), com proporções generosas, onde se destacam repuxos e um gazebo com balanço, ambos em madeira (f13 e f14). Esta área verde faz a transição entre o casarão e o caminho de acesso, que apresenta em seu transcurso uma área de lazer com churrasqueira e garagem, próximas ao local da antiga roda d'água, com suas banquetas e calhas extravasoras limitadas por mureta, e que passam sob a escada de acesso ao platô do jardim superior (f15 e f16).

Os terreiros de secagem de café apresentam-se em platôs, alcançados por escadas em pedra, e já serviram de pasto: alguns estão, inclusive, separados por cercas em madeira.

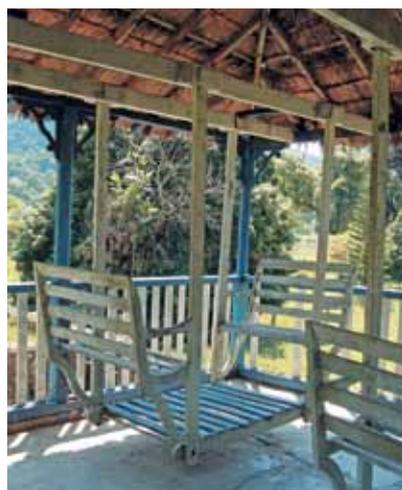
O terreiro central mantém bacia e repuxo, denunciando ajardinamento pretérito (f17).



11



12



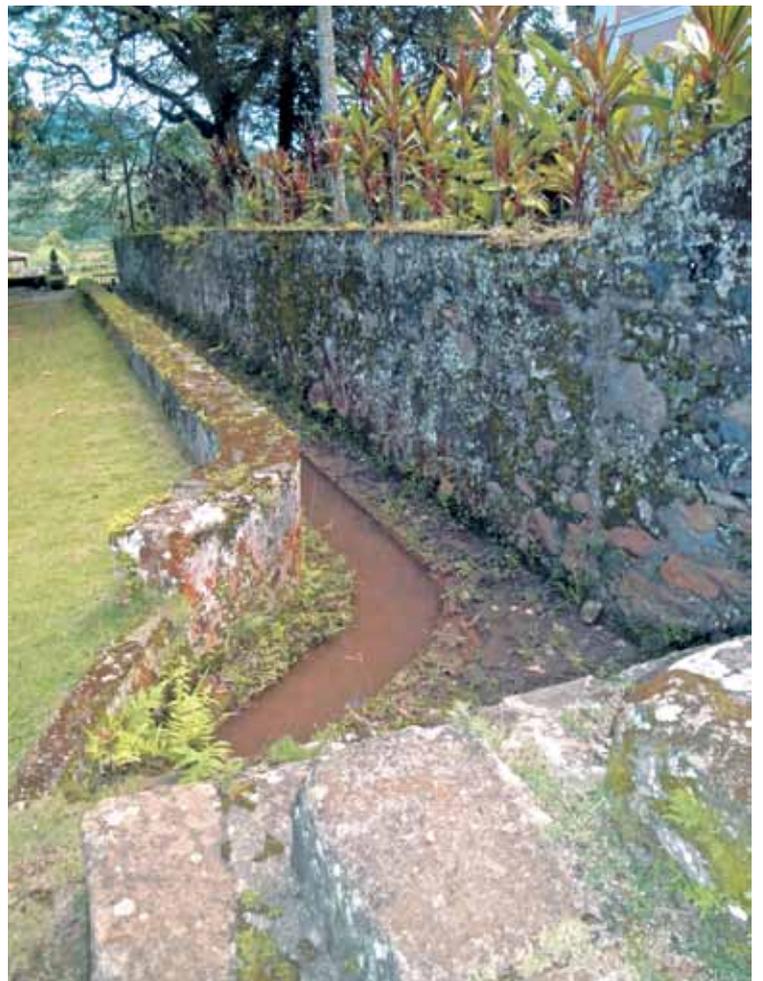
14



13



15



16



17

A casa-sede da Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão Dourado, datada de 1805, conforme inscrição em sua cimalha, possui partido arquitetônico comum a uma grande parte das casas de fazenda do interior fluminense (f18). Desenvolve-se em torno de um pátio central (f19), mas em função das evidências formais existentes que denotam maior antiguidade de uma e outra ala, acredita-se que, possivelmente, tenha surgido como um núcleo primitivo retangular. Este núcleo teria se expandido para um “L”, provavelmente à esquerda, posteriormente transformando-se em “U”, e, finalmente, assumindo o perímetro, teria sido fechado, seguindo as necessidades funcionais exigidas ao longo do tempo.

Está implantada, soberana, acima de um platô escalonado, onde há um jardim cuja autoria é atribuída ao francês Auguste Glaziou², e que confere no último patamar o recôndito necessário à morada, sendo guarnecido por um portão em madeira encimado por pequeno caramanchão (f20).

A casa-sede apresenta-se com sistema construtivo tradicional³ e está assentada sobre porão habitável, constituído por grossas paredes portantes de pedra argamassada, e internamente segmentado por divisórias em pau a pique, que, dentre outros espaços ali existentes, definem a escada entalada utilizada para acesso, que se localiza à direita, paralela à fachada.



18



19



20

²Atribuído pelos proprietários atuais, descendentes do barão das Duas Barras, a Glaziou, o que requer comprovação.

³Gaiola estrutural em madeira, embasamento em pedra, paredes divisórias em pau a pique e telhado de grande ponto recoberto por telhas capa e canal.

O telhado do corpo que se percebe como principal – em “U” – exhibe com seis águas com camarinha central voltada para frente, coberto por telhas de barro tipo capa e canal. A parte de serviços, ao fundo, apresenta mais seis águas entelhadas de forma similar (f21). Arremata o beiral uma cimalha escalonada em massa. A fachada principal e parte das laterais têm dois pavimentos e a de fundos apenas um, aproveitando a declividade do terreno (f22). A empena principal não guarda muito compromisso com a modulação entre pavimentos (f23). Ao nível do porão, subdivide-se em quatro panos na cor salmão, delimitados por cinco pilastras pintadas em branco, que se prolongam até o pavimento nobre, porém somente nas extremidades da fachada e mais delgadas que as do nível inferior. Um friso horizontal em massa separa os dois pavimentos. O porão mantém em sua fachada frontal três vãos de janelas, um em cada qual dos três panos, à esquerda, e um vão em arco abatido no extremo direito. Este último – para ingresso ao *hall* de acesso e à escada que leva ao pavimento superior – se repetia, segundo os proprietários, nos panos preenchidos por janelas, formando outrora uma *galilé* (f24). No pavimento nobre, os vãos de janelas são sete, em tudo idênticas às descritas para o porão.



21



22



23

Finaliza a composição entablamento simples, delimitado por friso em massa, onde se lê – ao centro – a data de 1805, margeada por duas rosetas em massa, motivo que se repete nos cunhais e sobre os eixos do 2º e 6º vãos de janelas, além do cimo das pilastras existentes nos segundos pavimentos das fachadas laterais (f25). Sobre o eixo de simetria da casa-sede, no desvão da água frontal, uma camarinha – que comporta dois vãos de janelas, como os já descritos – encima o telhado, configurando-se como um elemento incomum no rol de fazendas do ciclo do café fluminense (f26).

As fachadas laterais assumem mesma tipologia formal, porém de maneira mais simplificada, sobretudo ao nível do porão (f27). Já a de fundos diverge completamente das anteriores, assumindo uma maior sobriedade.

Os vãos de janela possuem vergas em arco abatido e mantêm cercaduras em madeira com sobrevergas em massa. As esquadrias externas são em madeira com veneziana e as internas em guilhotinas com caixilhos de vidro, ambas pintadas de branco (f28). Internamente, as portas são enrelhadas (azuis) ou almofadadas (azuis e brancas), algumas com bandeiras em caixilhos de vidro brancas.

Ao fundo da casa, pelo lado da fachada lateral esquerda, há um pequeno quintal elevado onde se destaca um poste de iluminação em ferro fundido e um pombal (f29 e f30), que também pode ser acessado pela cozinha.

No interior, ingressando-se pelo *hall* aberto de acesso frontal localizado no porão (f31), tem-se neste pavimento, à esquerda, um salão (f32) e um apartamento conjugado – composto por sala, quarto e banheiro – utilizado eventualmente por um dos proprietários da fazenda. O *hall* também faculto o acesso ao pavimento nobre através de escada em dois lances, semi-entaldada, perpendicular à empena lateral direita (f33 e f34).



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34

Externamente, pelo lado da mesma fachada, há um acesso para um depósito (f35). O pavimento nobre possui, a partir da escada, interligados e voltados para a parte frontal da casa, um escritório (f36), uma sala de estar (f37 e f38) e uma capela, na qual reside o interesse maior da casa (f39 e f40). Esta exibe um altar simples em madeira – antecedido por genuflexório em madeira trabalhada – encimado por pintura que retrata um monte iluminado por raios dourados que partem de uma pomba, fundo para a imagem da padroeira da fazenda, Nossa Senhora dos Prazeres, enquadrada em dossel trapezoidal.



35



36



37



38



39



40

Para a sala de estar voltam-se duas alcovas⁴ (f41 e f42) que se rebatem para a sala de estar (f43), esta orientada para o pátio central e que conta com um suporte para rede em madeira e, ainda, uma meia parede em azulejos decorados.

À direita dessa sala de estar, fechando o núcleo retangular íntimo e social, há uma grande sala de jantar (f44), e à esquerda, dois quartos interligados que se comunicam com a sala de estar frontal (f45 e f46).



41



42



43



44



45



46

⁴Originalmente eram três, sendo que duas delas tiveram a parede divisória demolida.

Margeando o pátio central (f47), duas circulações abertas e com piso em ladrilhos hidráulicos, à direita e à esquerda, dão acesso a quatro quartos (f48), um deles com banheiro, e outro com acesso pela sala de estar. Na sequência desta circulação, à direita, um grande banheiro com interessante box para o chuveiro acionado por correntes e banheira-berço em pedra, não original da casa (f49 e f50), além de copa (f51) que se comunica à cozinha e tem acesso direto ao exterior da casa.



47



48



49



50



51

A cozinha (f52 e f53), que se abre também para a circulação à esquerda, abriga despensa e um tradicional fogão a lenha de ferro fundido, com chaminé em tijolos maciços. Através dessa cozinha, tem-se acesso ao pequeno quintal por meio de circulação (f54) que separa dois quartos de empregados, a qual leva a uma área de serviço que se abre para o exterior.

Finalizando o interior da casa-sede, mais um lance de escada em continuação à escada interna (f55) leva a um quarto localizado na camarinha da fachada principal (ver f26).

Os ambientes dos setores íntimo e social apresentam piso tabuado em pranchões de madeira, encerados com "vermelhão". As paredes em taipa de mão são argamassadas e pintadas de branco, bem como o forro em saia e blusa de madeira. Rodatetos e rodapés são pintados na cor azul colonial. No setor de serviços, os ambientes apresentam cobertura de telhas vãs e piso em lajes de pedra lavrada, com exceção da copa que tem piso cimentado; no banheiro maior, ladrilhos hidráulicos, paredes pintadas com tinta PVA e forro de madeira em saia e blusa.

A casa grande segue o estilo colonial espanhol, enquanto que as demais edificações da fazenda correspondem à linguagem mais tradicional do colonial português.



52



53



54



55

A Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão Dourado se apresenta, de uma maneira geral, em bom estado de conservação, necessitando pontualmente de intervenções.

As fachadas laterais apresentam indícios de infiltração ascendente e descendente (ver f22, f27 e f30), e necessitam de nova pintura geral (ver f21 e f28). Há ainda sinais de umidade e mofo causados pela água proveniente de esgotamentos de tubos de queda localizados em meio à empena (ver f27), e supressão de partes da cimalha, com o preenchimento descuidado das áreas faltantes (ver f25).

As esquadrias enrelhadas da cozinha, bem como suas cercaduras, necessitam revisão e pintura (f56). A fiação elétrica à mostra, sobretudo aquela fixada diretamente em elementos de madeira, são pontos de iminente perigo de sinistro e merecem revisão (f57).

Internamente, alguns arremates de pintura e reboco precisam ser refeitos adequadamente (ver f33 e f34). Há, também, sinais de infiltração no forro da sala de estar (ver f37).

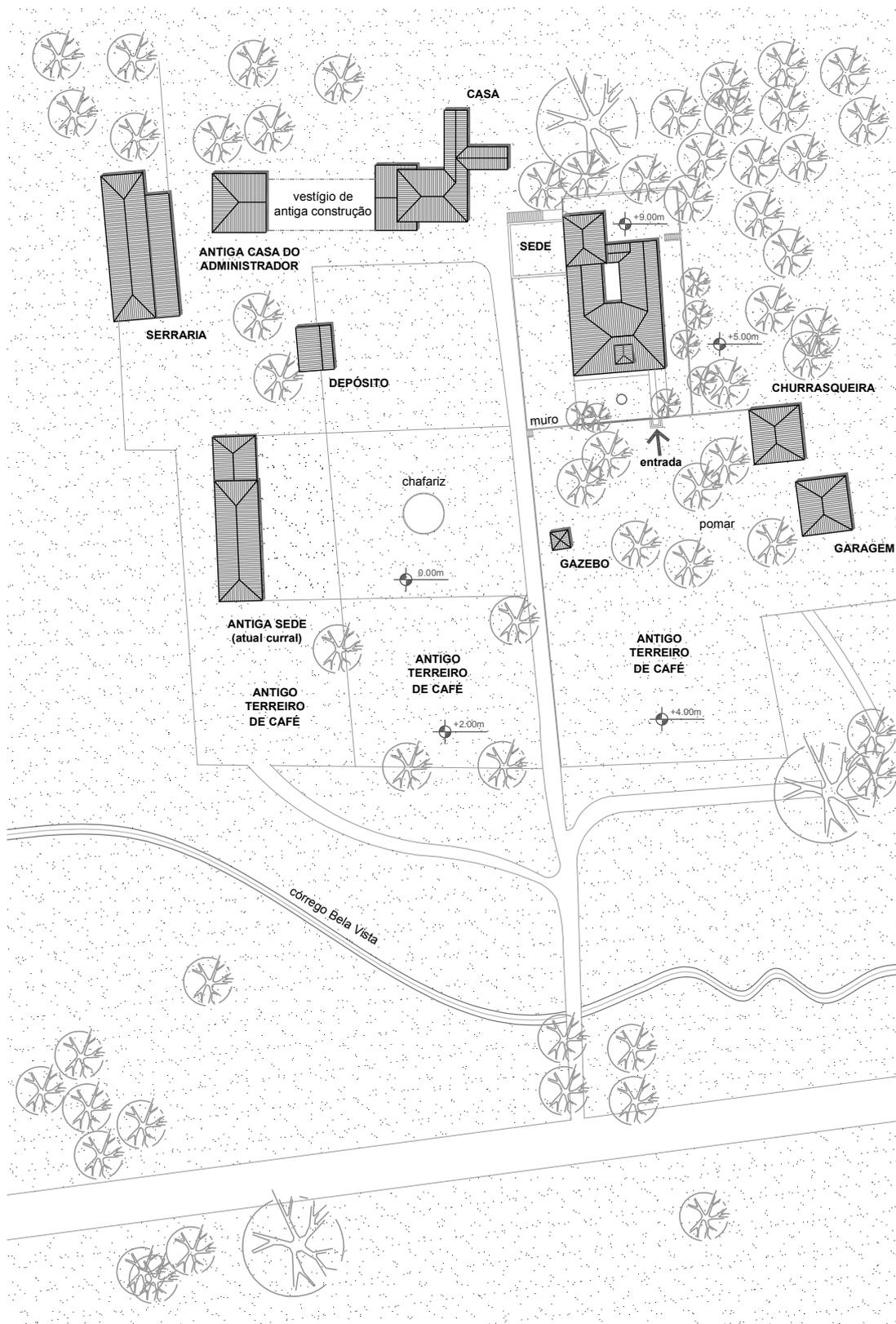


56



57

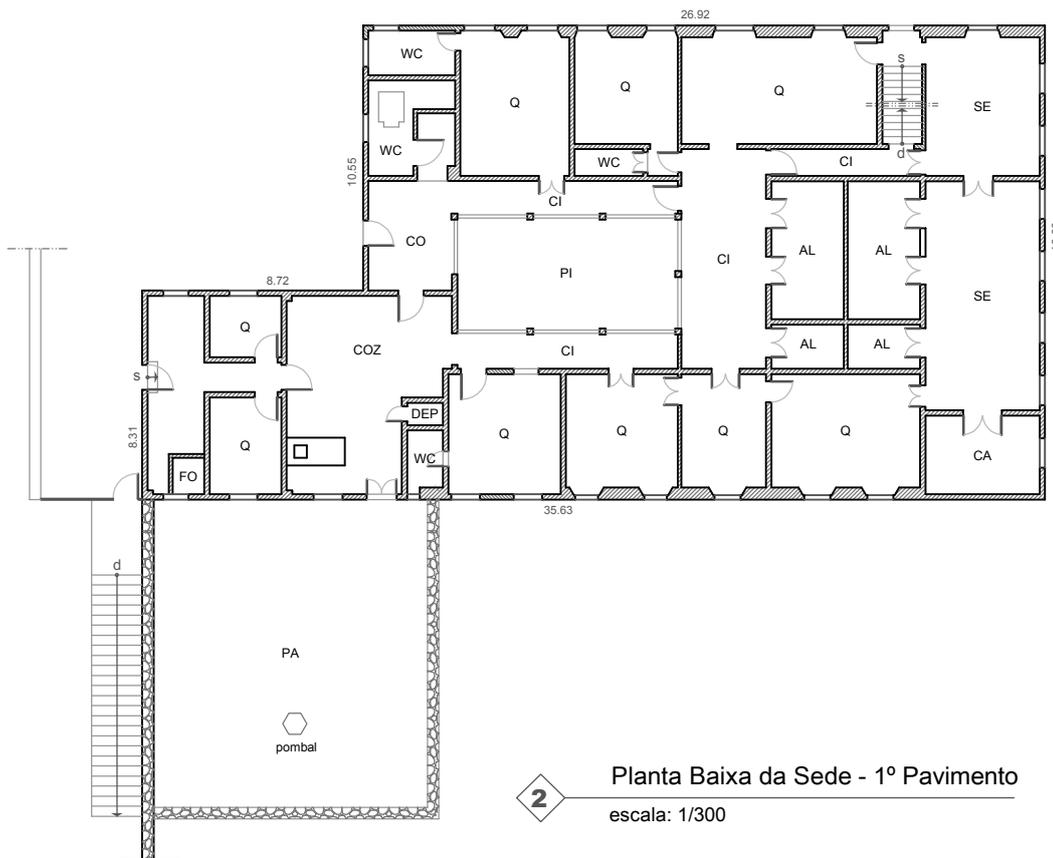
FAZENDA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DO RIBEIRÃO DOURADO



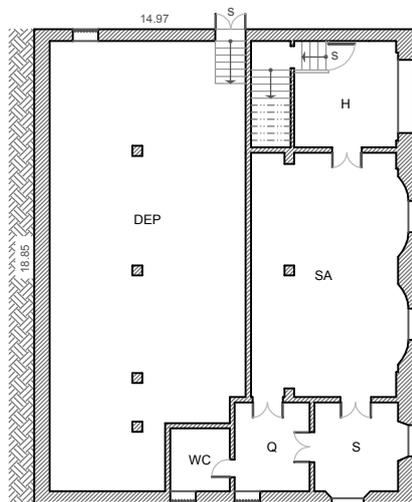
1 Implantação
escala: 1/1250



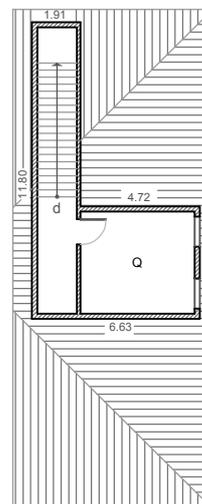
FAZENDA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DO RIBEIRÃO DOURADO



Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
 escala: 1/300



Planta Baixa da Sede - Porão
 escala: 1/300

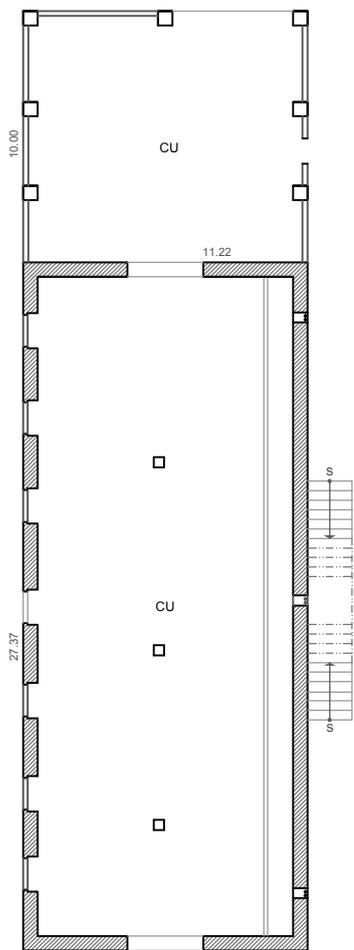


Planta Baixa da Sede - Camarinha
 escala: 1/300

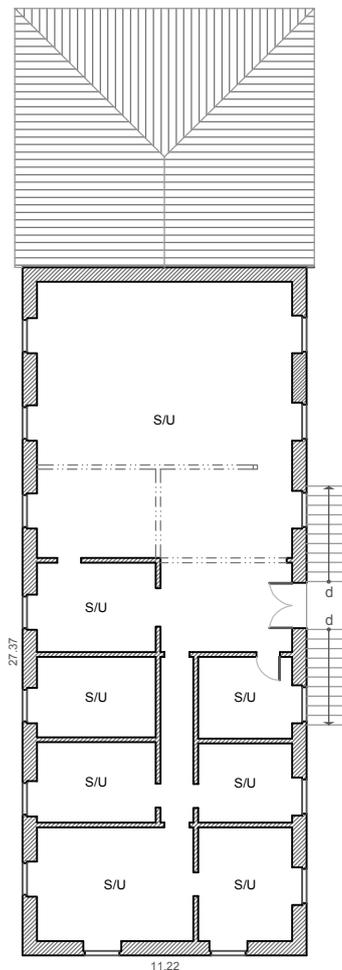


AL - alcova	CI - circulação	DEP - depósito	PI - pátio interno	SA - salão	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	PA - pátio	S - saleta	SE - sala de estar	Q - quarto	WC - banheiro	alvenaria demolida

FAZENDA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DO RIBEIRÃO DOURADO



1 Planta Baixa Antiga Sede - Térreo
escala: 1/300



2 Planta Baixa da Antiga Sede - 1º Pavto.
escala: 1/300



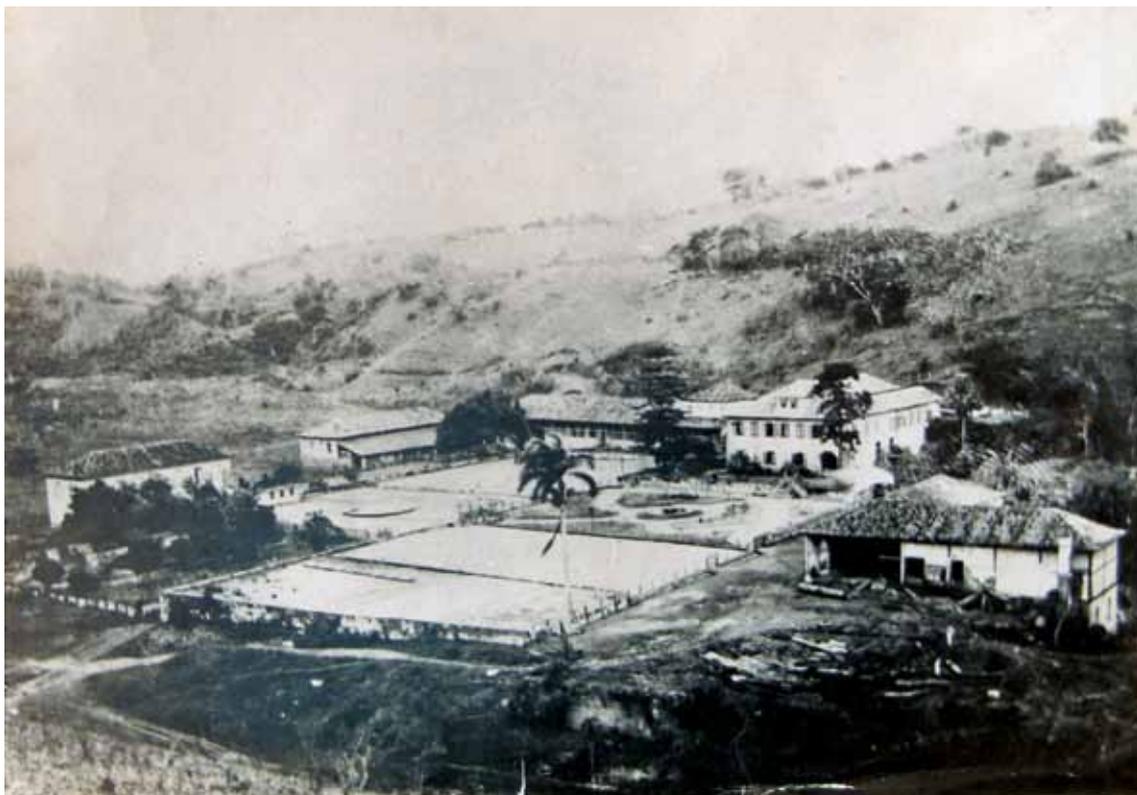
CU - carral
S/U - sem uso

alvenaria existente
alvenaria demolida

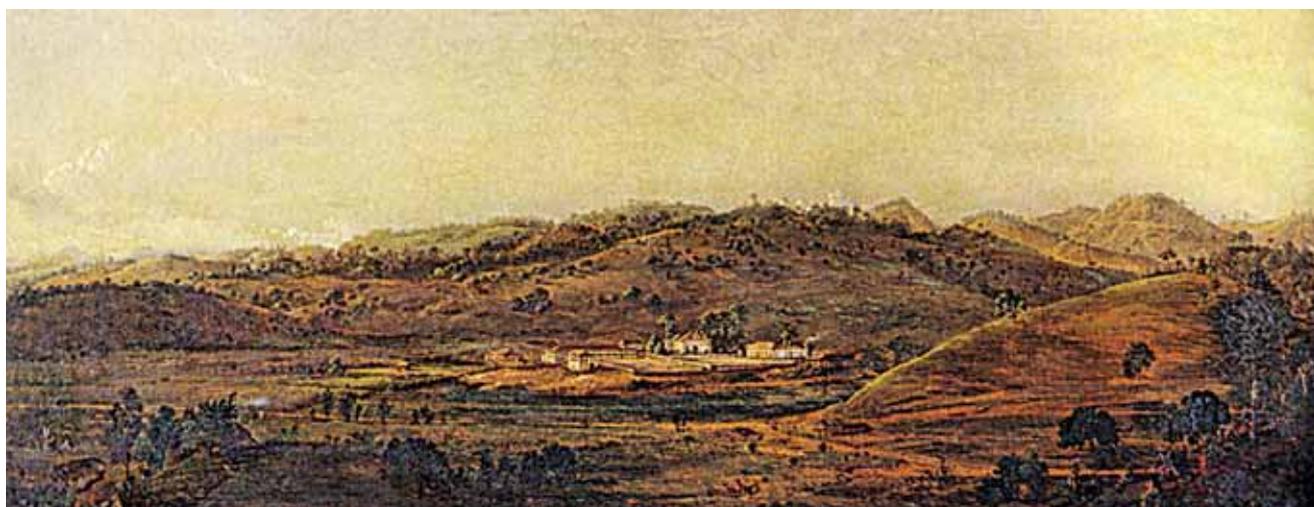
A Fazenda Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão Dourado é datada do ano de 1805, de propriedade da família Coelho de Magalhães – a sua primeira dona foi Don’Ana do Quilombo –, e passou a pertencer à família Moraes em 1867, permanecendo com seus membros até hoje.

O primeiro membro da família Moraes a ser dono da fazenda foi o Dr. Elias Antônio de Moraes, 2º barão de Duas Barras. Ele nasceu no então município de São Francisco de Paula, onde seus pais, João Antônio de Moraes e Basília Rosa Franco da Silva de Moraes, primeiros barão e baronesa de Duas Barras, possuíam suas fazendas, dentre as quais estava a Fazenda Santa Maria do Rio Grande, berço da família Moraes.

Em 1867, por ocasião do matrimônio de Dr. Elias com Dona Georgiana Rodrigues de Moraes, seu pai lhe presenteou com a Fazenda Ribeirão Dourado, onde passou a residir. Médico, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, exerceu sua profissão nos municípios de Cantagalo, Cordeiro, Santa Maria Madalena, São Francisco de Paula e Macuco, sem dela auferir qualquer lucro.



Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres do Ribeirão Dourado, s.a., s.d. (acervo da fazenda)



Nicolau Facchinetti, do Livro JUNIOR, Donato de Mello. Facchinetti. São Paulo - Rio de Janeiro: Art Editora Record, 1982

Libertou todos os seus escravos muito antes da Lei Abolicionista e imediatamente providenciou, junto ao Centro de Imigração, a vinda dos primeiros colonos europeus, em particular italianos, espanhóis e portugueses, para que suas lavouras não sofressem com a diminuição da mão de obra escrava. Estes colonos trabalhavam sob o sistema de “meia”, quando o proprietário fornece terra para cultivo, moradia e a divisão dos resultados.

No espaço onde funcionava a senzala em sua fazenda, fez uma farmácia para atender a todos que precisavam. A essa farmácia deu o nome de Botica, que assim é chamada até os dias de hoje. A propriedade de Dr. Elias era considerada uma fazenda de atividade mista, isto é, de criação de gado e de plantio de café à “meia” com os colonos.

Possuidor de um espírito progressista e conhecedor da agropecuária e zootecnia, introduziu em sua fazenda as melhores raças do gado europeu, como o Holandês, o Normando, o Simental e o Schuwitz. Em 1870, importou diretamente da Índia os primeiros exemplares da raça Zebu, que posteriormente espalhou-se para Minas e depois para todo o Brasil.

Dedicou-se, também, à criação de cavalos, adquirindo exemplares das raças Andaluz, Campolino, Percheron e Mangalarga. O cruzamento e apuração dessas espécies levaram à formação de uma nova raça em sua fazenda, denominada “Joia”, mas que não chegou a ser registrada.

Após sua morte, em 1928, a fazenda passou para as mãos de seu filho mais velho, coronel Edelberto Antônio de Moraes, que herdou do pai o mesmo espírito empreendedor, dando continuidade à atividade mista e se dedicando a aprimorar e conservar as edificações que compõem a sede da fazenda.

Segundo os atuais proprietários, por ocasião do casamento de sua filha Maria José com o engenheiro Clovis Daudt Pinheiro, o coronel Edelberto preparou a casa grande onde se encontra a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, para que ali se realizasse a cerimônia e a festa de comemoração. Para esse evento, segundo os atuais proprietários, teria contratado um dos melhores paisagistas da época, o francês Auguste Glaziou, com o intuito de reformar os jardins da mansão, jardins esses que mantêm até hoje o traçado dos canteiros por ele idealizados, e algumas árvores quase centenárias, como os ciprestes chorões, as mangueiras e os abacateiros. A Fazenda Ribeirão Dourado, quando passou a pertencer a Elias Moraes, possuía cerca de 500 alqueires mineiros e, como dito, era voltada para uma atividade mista (plantio e criação de gado). Atualmente, pertence à sua quinta geração e possui 50 alqueires mineiros, se mantendo com a criação de gado leiteiro. É importante lembrar que a Fazenda Ribeirão Dourado é a única da região que ainda pertence à mesma família Moraes há cinco gerações.